

COMENTÁRIO: UMA ELEFANTA MACHUCADA: O ABUSO SEXUAL INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO INTRAPSÍQUICO SOBREVIVENTE

PATRÍCIA COHN¹

Olá, que alegria e emoção estar aqui nesta noite especial, podendo comentar este trabalho tão sensível e profundo, escrito por uma terapeuta com quem pude ter contato e troca durante o ano passado como supervisora. Então, só posso agradecer a este convite tão emocionante. Desde que a Ale me convidou fiquei honrada e preocupada em poder dar a este trabalho a mesma importância e sensibilidade que ele merece.

Pretendo começar convidando vocês a experimentarem as sensações que pude ter, ao longo do ano passado, culminando na leitura deste trabalho. Vou fazer uma integração com o documentário: *Como cuidar de um bebê elefante*, filme indiano que ganhou Oscar de melhor documentário estrangeiro. O filme se passa numa floresta, num cenário lindíssimo, uma aldeia que recebe bebês elefantes órfãos e logo de início mostra Kattunayakan (seu nome tem o significado de Rei da Floresta) cuidando de um bebê elefante que foi encontrado abandonado, sozinho, machucado, cheio de vermes (semelhanças com o brincar de Bruna?) e em risco. Sua mãe havia morrido eletrocutada. O bebê Raghu precisa ser alimentado e cuidado para sobreviver. Há também uma mulher que se junta a esses cuidados, ela era uma cuidadora de bebês elefantes e havia perdido sua filha, o que tornou Raghu importante em sua vida. Esse homem e essa mulher passam a cuidar juntos do elefantinho e acabam tendo uma relação conjugal, casam-se em seguida. A relação que o Kattunayakan faz com o bebê elefante Raghu é lindo de ver, ele lhe dá banho, fala com ele, passeiam juntos, ele lhe dá comida. Através de uma magnífica paisagem e de música sensível, vamos percorrendo essa relação tão próxima e vamos sentindo todo o amor envolvido. Kattunayakan nos conta que já foi ferido por um elefante grande e não gosta

¹ Psicóloga e Psicanalista; Professora e Supervisora do CEAPIA

de cuidar desses maiores, mas à medida que Raghu vai crescendo se observa a linda relação que vai se desenvolvendo entre eles. A comida dada para ele pela mulher é cuspidada fora, mas Kattunayakan, com sua fala e diálogo sensíveis, consegue alimentá-lo. Foram três anos cuidando dele, o tempo parecido com que Alessandra atendeu sua paciente Bruna. O homem diz: “Cuidar de um elefante é como estar perto de Deus”, e salienta que não consegue imaginar sua vida sem ele. Outro bebê elefante é designado aos cuidados desse casal: Ammu, que chega também ferido e perdido de sua família. Logo no início estabelecem uma relação de cuidado e carinho com ele, provocando ciúmes em Raghu, mas rapidamente se integram, constituindo uma família, como eles mesmo descrevem. Assistimos ao casamento do casal de cuidadores, quando se arrumam e pintam os elefantes para uma cerimônia. Após algum tempo o casal recebe a notícia de que Raghu é designado para outros cuidadores (no caso, Bruna também passa para uma família e outros cuidados, afastando-se de sua terapeuta), parte triste e difícil para todos. Difícil até para o elefante ir embora de sua família e do pequeno Ammu, bem como para o casal cuidador. Sofrem a perda, deprimem-se, não se alimentam por alguns dias. O bebê Ammu chega perto, tenta se aninhar ao casal, e aos poucos vão se reconstruindo...

À luz desse belíssimo documentário, podemos fazer algumas analogias com o caso cuidado com tanta sensibilidade pela nossa terapeuta Alessandra. Não vou me deter na parte teórica tão bem alinhada por Ale, quero falar daquilo que nos toca o coração, desse lugar de terapeuta de crianças que acolhe pequenos “elefantes” feridos, doídos em seus corpos maltratados e que clamam por cuidado, seja por meio de atos agressivos e agitações, como o faz Bruna, ou como no filme, não podendo se alimentar sozinhos. Alessandra recebe essa menina com a fala: “Te prepara, ela é terrível”, e sem memória ou desejo (como nos diz Bion) ela a acolhe, mesmo que a menina esteja atirando objetos, xingando e chutando. E Alessandra se deixa usar pela pequena Bruna, como o faz o casal de cuidadores de Raghu, que se deixa levar pelos seus movimentos desastrosos, tromba e peso, sem medo, dialogando... E sobrevivendo aos ataques de Bruna em seus momentos de violência, Alessandra vai constituindo com ela um lugar e espaço de uso de objeto, uso seguro. Assim, Bruna pode começar a se deixar cuidar, implicando a terapeuta que se deixa tocar, possibilitando sentir essa intensidade de viver na pele tanta dor, abandono e desamparo.

Vou me valer do livro *Escute as feras*, da antropóloga Nastassja Martin, que comecei a ler recentemente e me toca as entranhas e vísceras, assim como este trabalho tão lindo de Alessandra, com o qual, ao final... chorei. A autora do livro descreve o que ela chama de um encontro com um urso nas florestas dos Even, na Sibéria. Na orelha do livro lê-se:

... o iminente não se anuncia com antecedência, o imutável cede lugar ao instável, sem maior cerimônia, a metamorfose está à espera “na curva do caminho”. Região no limite do habitável, a floresta dos Even é também um espaço liminar em que se tocam e se enfrentam a cultura e a natureza, o humano e o animal, o sonho e

a vigília, a construção simbólica e a violência desabrida. E é nesse âmbito, numa dessas curvas do caminho que se produz o acontecimento que está na raiz de *Escute as feras*, o encontro entre Martin e o Urso. Um encontro: não simplesmente um acidente ou um ataque, apesar do sangue sobre a neve. Um encontro que impõe às duas partes a dura tarefa de sobreviver. (Martin, 2021, n.p)

Nas primeiras páginas do livro, a autora diz: “À medida que ele se distancia e que eu volto a mim, nós nos recobramos um do outro. Ele sem mim, eu sem ele: conseguir sobreviver apesar do que ficou perdido no corpo do outro; conseguir viver com aquilo que nele foi depositado” (Martin, 2021, p. 8). Só quando nos permitirmos viver esse encontro de forma intensa, corporal e mental, é que o objeto pode ser objetivamente concebido e se tornar usável. Alessandra entrou por inteiro nesse processo; testemunhei uma parte dele, dóida, na entrada do elefante que precisa ser cuidado, com cautela e respeito, e as lembranças das violências e marcas que Bruna viveu. Foi intenso, nos tocou a fundo em cada momento, e, assim como descrito, as almas se misturam: Alessandra ora é Bruna e Bruna ora é Alessandra, e o elefante pode ser a Ale Fante, assim ela o permitiu.

Aproveitando que ontem foi aniversário de Winnicott e que Alessandra pôde utilizar tão lindamente sua teoria, resgatei um artigo de que gosto muito para discutir junto com vocês. É o “A tendência antissocial”, onde Winnicott nos descreve sensivelmente encontros entre crianças e jovens antissociais e suas famílias, o entendimento destes sintomas, como birras, brigas, roubos, representando uma necessidade, e que compele o meio ambiente a ser importante. Por meio de seus impulsos e atos, o sujeito força alguém a se “encarregar de seu manejo”, e Winnicott (1988, p. 505) diz: “... é tarefa do terapeuta deixar-se envolver por este impulso inconsciente e seu trabalho é feito em termos de manejo, tolerância e compreensão”. Agora, pensando no tema da nossa jornada deste ano, vê-se que através desses atos desesperados o que ocorre é a expressão da ESPERANÇA, e esse momento pode ser desperdiçado se houver intolerância e mau manejo. O tratamento, como nos diz Winnicott, é o bom manejo ambiental, que significa ir ao encontro desse momento de esperança e corresponder a ele. Não ter medo das feras, não se encolher ao pedido de ajuda, atender, escutar o coração, acompanhar e se deixar marcar por ele.

Coube a Alessandra possibilitar sensivelmente a Bruna um espaço de articulação, onde poderia ser ela mesma e ter suas necessidades atendidas. A bebê elefante foi olhada, cuidada, tratada, e a Ale Fante olhou, cuidou, tratou. O vínculo nascido desse encontro se estendeu para além das florestas, deixou marcas nas duas. Ale seguiu acompanhando Bruna, no escuro, sem som, e aqui também não poderia deixar de evocar Ferenczi, como bem descrito por Ale: o ritmo se estabelece quando existe uma possibilidade de acolhimento, de estar com o outro. E, para isso, o terapeuta precisa suportar não impor sua língua, e foi assim que esta terapeuta sensível e profunda se despediu de Bruna, ouvindo e brincando com ela por meio de gestos, tateando no escuro, mas sempre presente até que tiveram que se despedir, com muita dor e muito amor.

Finalizo este comentário com a citação de um livro de Luiza Moura chamado *Humanos*: “E isso tudo só poderá acontecer se ele, surgindo além do ‘bulbo’ que fora, puder agora experimentar o mundo, pela primeira vez, vislumbrar, ao longe, a sua extrema dependência e, pela primeira vez, intuir os nossos cuidados (que cruzaram o tempo) e, pela primeira vez, experimentar a confiança e a confiabilidade. Ele chegou íntegro, sobreviveu a ameaças impensáveis. Ou melhor, nós, como cuidadores, sobrevivemos, sobrevivemos aos nossos humores, ao nosso cansaço, às nossas paixões, aos nossos desejos de morte, aos ímpetos de retaliação... sobrevivemos, fomos bem-sucedidos para que o pequeno bebê, o pequeno ‘bulbo’, pudesse florescer, e apresentar, gradualmente, ao mundo todo, o seu potencial” (p. 41).

Com amor e saudades, para Alessandra.

Referências

- Gonsalves, Kartiki (Diretora). (2022). *Como cuidar de um bebê elefante* [Filme-vídeo].
- Martin, Nastassja. (2021). *Escute as feras*. São Paulo: Editora 34.
- Moura, Luiza. (2022). *Humanos*. Terra de Areia: Editora Triângulo.
- Winnicott, D. W. (1988). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.